

A detail from Raphael's fresco 'The School of Athens'. It depicts Plato, an older man with a white beard and hair, wearing a white robe, pointing his right index finger towards the sky. He is holding a scroll in his left hand. Below him, Aristotle, a younger man with a brown beard and hair, wearing a blue and yellow robe, is gesturing with his right hand palm-down towards the earth. He is also holding a scroll. The background is dark and indistinct.

ANTÓNIO REBELO  
MARGARIDA MIRANDA  
(COORDS.)

O MUNDO CLÁSSICO E  
A UNIVERSALIDADE DOS  
SEUS VALORES

HOMENAGEM A NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

VOLUME I

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

O MUNDO CLÁSSICO E A UNIVERSALIDADE DOS SEUS VALORES

COORDENADORES EDITORS

António Rebelo

Margarida Miranda

Assistentes Editoriais Editorial Assistants

Daniela Pereira

Leonor Lima

Teresa Nunes

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Contacto Contact

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Jorge Neves

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISBN

978-989-26-2031-2

ISBN Digital

978-989-26-2032-9

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2032-9>

CAPA COVER

Raffaello, sibille e angeli

Public domain via Wikimedia Commons



Projeto UID/ELT/00196/2019 - Centro de Estudos  
Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

© Novembro 2020

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Universitatis Conimbrigenis  
<http://classicadigitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

# DA OCORRÊNCIA DA PALAVRA *UTILITAS* NOS MONUMENTOS EPIGRÁFICOS

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
Univ. Coimbra, CEAACP, FLUC  
ORCID: 0000-0002-9090-557X  
jde@fl.uc.pt

## I. A PALAVRA «UTILIDADES» NO QUOTIDIANO

Numa das epígrafes mencionadas por André de Resende se dá conta que a cidade de Évora homenageou Lúcio Vocónio Paulo por este ter “defendido fiel e constantemente as causas e utilidades públicas em uma embaixada de que foi embaixador por esta sua República”<sup>1</sup>.

O facto de esta expressão não parecer de uso habitual em monumentos epigráficos romanos levou-me a tentar saber se outros exemplos haveria desse uso e, por outro lado, se a referida expressão teria paralelos em textos literários clássicos, porque tal circunstância poderia documentar a sua utilização, por exemplo, na fala quotidiana.

Não é, pois, intenção dissertar sobre o conceito de *utilitas*, relacionando-o, inclusive, quer do ponto de vista semântico quer de uso, com termos como os adjetivos *utilis*, *inutilis*, ou vocábulos como *usus*, *commodum*, este no sentido de comodidade, vantagem. Também sai do meu contexto qualquer incursão – para a qual, de resto, não teria cabedal – pelo conteúdo filosófico, nomeadamente estoico (mas com outras contaminações metafísicas), que subjaz, naturalmente, a esse conceito.

Chamou-me particularmente a atenção o uso epigráfico do plural *utilitates* e, daí, que não tenha resistido a pôr, desde logo, em paralelo esse plural com o que o nosso atual quotidiano nesse âmbito nos proporciona, na medida em que, porventura, esse plural assim desgarrado, como se me antojava, poderia ajudar a trazer luz sobre o que, na verdade, era o objetivo primordial da pesquisa: ajuizar da autenticidade das inscrições romanas peninsulares em que se regista a fórmula *ob causas utilitatesque publicas aput ordinem amplissimum fideliter et constanter defensas*.

Assim, achei curioso verificar que se fundara em Lisboa, no ano de 1837, a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, cujo objetivo primordial

---

<sup>1</sup> Resende 1783: 76-77.

era o de “publicar um periódico de preço módico destinado à difusão cultural junto do grande público”, *O Panorama*, “semanário ilustrado”, que se intitulava “jornal literário e instrutivo”. O primeiro número, sob direção de Alexandre Herculano, saiu a 6 de maio de 1837.

Tanto a ideia de criação da sociedade como a do seu órgão noticioso colheram expressa inspiração em idêntica iniciativa levada a cabo em Londres, onde surgira, em 1826, a *Society for the Diffusion of Useful Knowledge* e o seu *The Penny Magazine*, também publicado aos sábados (1.º número a 31 de março de 1832), especialmente dirigido à classe operária.

Por outro lado, encontramos, de facto, amiúde no dia a dia a palavra ‘utilidades’, inclusive seguida do adjetivo “domésticas”, mormente na identificação de estabelecimentos comerciais ou de secções das chamadas “grandes superfícies”: lá se encontrará tudo aquilo que tem préstimo para o lar, que facilita a atividade quotidiana... Com essa noção se prende a de ‘reutilizar’, no âmbito do panorama ecológico em que nos movimentamos: não há ‘coisas inúteis’, há ‘coisas reutilizáveis’ para os mais diversos fins. No domínio da política e da economia, a expressão “utilidade pública” – no singular, note-se! – ganha frequente relevância como argumento justificativo de uma opção.

Será que, por conseguinte, nos movimentamos, através deste conceito, na esfera de algo passível de ser considerado um valor universal desde a Antiguidade ao nosso tempo?

Em *utilitas* subjaz a noção de qualidade do que é vantajoso ou detém interesse para o Homem; o valor real ou o valor acrescentado. O *Oxford Latin Dictionary* apresenta para a palavra quatro aceções:

1. «The quality or condition of being useful ou advantageous»;
2. «The advantage accruing from a thing (as a quantifiable factor);
3. «The consideration of what is advantageous, expediency»;
4. «validity, effectiveness» (este no âmbito jurídico).

Como é de uso, cada uma destas aceções está aí documentada com passagens colhidas nos autores clássicos – e para aí remeto, abstenho-me de cópia do que já está feito e bem. Não deixará, porém, de ser curioso para o nosso tema verificar que, entre essas citações, apenas duas sejam colhidas em textos epigráficos: pertence, uma, à série de epígrafes alusivas às obras mandadas fazer pelo imperador Trajano no sentido de melhorar a via sagrada de Mileto ao santuário de Dídimos. Nela se diria que, desta sorte, se proporcionaram facilidades aos habitantes de Mileto: *utilitates Milesiorum*<sup>2</sup>. Sucede, todavia, que recentes revi-

---

<sup>2</sup> AE 1937: 258.

sões do dossiê levaram a optar por *necessitates Milesiorum*<sup>3</sup>. A outra epígrafe, da África Proconsular, prende-se com a necessidade de, ao tempo de Septímio Severo, aí se tomarem medidas de salvaguarda em relação aos campos agricultados e, nessa epígrafe<sup>4</sup>, surge a expressão *pro humanis utilitatibus*.

Em vez de esmiuçar – passe o termo – essas passagens dos autores clássicos citadas no *Oxford Latin Dictionary*, preferi, pois, testar também o que se poderia colher numa consulta à base de dados <http://web.philo.ulg.ac.be/lasla/> sobre o uso do vocábulo *utilitas* nos textos dos autores clássicos nela inseridos. São 296 as referências que aí se proporcionam. Cícero, por exemplo, utilizou-o 14 vezes no tratado *De Amicitia* e cerca de 100 em *De Officiis*.

Assim, no *De Officiis*, além de referir (em 1. 22. 8) a expressão *publicis utilitatibus*, escreve em 3. 101. 6:

“Potest autem quod inutile rei publicae sit id cuiquam cui utile esse. Pervertunt homines ea quae sunt fundamenta naturae cum utilitatem ab honestate seiungunt. Omnes enim expetimus utilitatem ad eam que rapimur nec facere aliter ullo modo possumus”.

“Na verdade, pode ser útil a algum cidadão o que, para a *res publica*, se revela inútil. Pervertem os homens o que são os fundamentos da natureza quando da honestidade separam a utilidade. Com efeito, todos nós esperamos que nos advenha utilidade daquilo a que lançamos mão, nem de nenhum outro modo podemos agir”.

A contraposição entre o que é a utilidade pública e o que cada um considera ser útil para si, a *privatorum utilitas*, uma contraposição de presença bem assídua tanto em textos vulgares como, de modo especial, no âmbito jurídico: a *communis utilitas* ou *publica utilitas* contra aquilo que é para benefício privado. Por outro lado, ressalta também desta passagem de Cícero a noção de que, embora obter algo donde pode resultar benefício seja fito habitual da iniciativa humana, esse intuito não pode beliscar o procedimento honesto.

Aliás, já em *De Officiis* 3. 40. 11 perorara:

“Itaque utilitas ualuit propter honestatem sine qua ne utilitas quidem esse potuisset”

“E, desta sorte, a utilidade ganhou força devido à honestidade, sem a qual nenhuma utilidade poderia existir”.

---

<sup>3</sup> AE 2011: 1350.

<sup>4</sup> CIL VIII 26: 416.

E, ao comentar uma atitude tomada no decorrer das Guerras Pérsicas<sup>5</sup>, não hesitara em dizer:

“Atque ille utilitatem sequi uidebatur sed ea nulla erat repugnante honestate”

“E dava a impressão de que ele almejava a utilidade, mas não, porque era incompatível com a honestidade”.

A discussão a propósito da relação a estabelecer entre o bem (*bonum*), a virtude (*virtus*) e a utilidade (*utilitas*) estará, v. g., patente em Séneca<sup>6</sup>:

“Huius uirtutis materia tam late patet quam uita. Sed inest inquit huic bono etiam utilitas aliqua. Cui enim uirtuti non inest”.

«O tema dessa virtude tão longamente transparece como a própria vida. Mas, disse, também alguma utilidade está inerente a esse bem, enquanto à virtude não está».

Movimentamo-nos, pois, em conceitos morais, de ética comportamental, o que não deixa de ser elucidativo, na medida em que, mesmo nos nossos dias, está bem patente o conflito entre o bem comum – a utilidade pública – e os interesses individuais, onde a honestidade detém papel primordial.

Contudo, se uma noção mais prática, comezinhada (diríamos), de utilidade não está ausente, quando Cícero, a propósito da atividade agrária, se propõe falar da utilidade em estrumar as terras (“Quid de utilitate loquar stercorandi”)<sup>7</sup>, certo é que também ocorrem amiúde expressões como *communis utilitas*, *utilitas publica*<sup>8</sup>, *utilitas rei publicae*<sup>9</sup>, *popularis utilitas*, *utilitas populi Romani*, *utilitas ciuitatis*, *patriae utilitas*, chegando Tácito a afirmar que “pertinere ad utilitatem rei publicae, pertinere ad Vespasiani honorem”<sup>10</sup>, dando a entender que era uma honra para o imperador ter em mente na sua atuação a utilidade da *res publica*, escrevendo também nos *Annales publicis utilitatibus*<sup>11</sup>.

## 2. A PRESENÇA DO TERMO *UTILITAS* EM MONUMENTOS EPIGRÁFICOS

A consulta à base de dados EDCS (usando ‘utilita’ como meio de pesquisa) proporcionou 53 ocorrências. O vocábulo poderá considerar-se quase recorrente em textos epigráficos de teor legislativo ou oficial.

---

<sup>5</sup> *De Officiis* 3. 48. 6.

<sup>6</sup> *De Beneficiis* 4. 20. 1.

<sup>7</sup> *De Senectute*, 53.

<sup>8</sup> Tácito, *Annales* 15. 44. 5.

<sup>9</sup> Cícero, *De provinciis consularibus*, 30. 2.

<sup>10</sup> *Historiae* 4. 7. 9.

<sup>11</sup> 1. 10. 14.



Assim, em EDCS-22500035, consigna-se que, no ano de 69, o procônsul *Lucius Helvius Agrippa* “causa cognita pronuntiavit cum pro utilitate publica rebus iudicatis stare conveniat”, “tendo analisado a questão, considerou ser conveniente, para utilidade pública, que a situação assim se mantivesse”.

Homenagens se consignam também – a título privado ou institucional – a quem teve atenção para com as *utilitates* públicas. Do cavaleiro (*egregius vir*) *Titus Iulius Pansa Crispinianus* se louva o facto de ter sido exemplar cidadão por, em privado e publicamente, ter beneficiado a *res publica splendidissimae coloniae Zamensium Regiorum*: “in fovendis utilitatibus suis publice ac privatim”<sup>12</sup>. *Utilitates* terá sido empregado, aqui, no sentido genérico, de benesses, entendendo-se tanto do ponto de vista político-social como económico.

Procede de Cuicul, na Numídia, a dedicatória EDCS-23600096, promovida pelos *Cuiculitani* a *Lucius Alfenus Senecio*, por, no exercício das suas funções como procurador de Augusto da província da Mauritània Cesariense, ter benigneamente contribuído para o equilíbrio financeiro (assim interpreto eu) da colónia: “quod promptissima benignitate sua utilitates coloniae suae splendissimae iuvit nuper”.

Mediante uma dedicatória, agradeceram o senado e o povo de Roma, em 365-367, ao imperador Valente, o facto de ele e o irmão, Valentiniano, terem restaurado a Ponte Aurélia (atual *Ponte Sisto*): [...] *instituti ex utilitate urbis aeternae / Valentiniani pontis* [...]<sup>13</sup>. Poderemos interpretar, aqui, o vocábulo *utilitas* numa conotação não apenas física mas também psicológica, passe o termo; de facto, o que parece dimanar do texto é o facto de o restauro da ponte ter contribuído para o bem-estar da população.

Merecerá igualmente atenção especial, ainda que num âmbito particular, a epígrafe de Nîmes EDCS-09202112, datável de pouco depois do ano 73, uma vez que o liberto *Iulius Graptus* aí parece manifestar contentamento por lhe ter sido possível ornamentar o seu mausoléu com árvores, videiras e roseiras, libertando, assim, os seus co-libertos dessa despesa: “[ne] qua parte utilitatibus eorum [gr]avis videretur”. Teria aqui a palavra *utilitates* o sentido de encargos? O texto não voltou a ser estudado, de forma a melhor se entender o que *Graptus* nos quis transmitir; aqui fica, porém, esta hipótese de interpretação.

### 3. AS INSCRIÇÕES POLÉMICAS

Comecei por referir a dedicatória a Lúcio Vocónio Paulo, apresentada por André de Resende. Emílio Hübner<sup>14</sup>, apesar de, a princípio, a ter julgado

---

<sup>12</sup> EDCS-08600883.

<sup>13</sup> EDCS-18800168.

<sup>14</sup> CIL II 18\*.

autêntica – “*artem fingendi in lapide etiam summam fere excedit*”, confessa – optou por a considerar forjada (“*Credo fictam esse*”), com base nos seguintes argumentos:

- 1.º) As frases usadas foram seguramente decalcadas de duas inscrições de Barcelona e de Tarragona, que André de Resende terá conhecido (“*Ambos Resendius sine dubio novit*”);
- 2.º) Há, no texto, uma formulação que não se enquadra nas habituais regras epigráficas romanas (“*Sunt in verborum illorum coniunctione quae offendant*”);
- 3.º) Três outros aspetos que também não se enquadram no que é de norma são os seguintes (escreve Hübner):
  - a) a repetição, por seis vezes, do exercício das funções de duúnviro;
  - b) a junção dos nomes *Liberaltas Iulia* e *Ebora*;
  - c) o nexa do C com o T, ainda não documentado.<sup>15</sup>

Incluí-a eu próprio no rol das epígrafes mandadas gravar pelo humanista,<sup>16</sup> atendendo também ao facto de a inscrição ser aduzida como prova encomiástica de ter sido a sua cidade natal, Évora, berço e cenário da atividade de varões muito ilustres, intenção claramente denunciada logo no início do capítulo VIII, em que se insere:

“Houve em Évora cidadãos notáveis, a que a cidade pôs memória à custa pública, por assim o terem merecido. Não duvido que teria outros, mas as destruições dos edificios e perdas das escrituras e barbárie dos tempos me fazem que deles não saiba. De dois escreverei, que ainda em pedras duram. O primeiro será um de que fala aquele cipo grande que eu em casa tenho e diz assim: [...]”.

Seguem-se a leitura e tradução da epígrafe sobre L. Vocónio Paulo e idêntico tratamento à de Volusiano<sup>17</sup>.

Concordei, por conseguinte, com a opinião exarada por Emílio Hübner e apresentei como argumentos a observação do monumento (Fig. 1) que se expõe no Museu de Évora (de tipologia e de paleografia não-romanas) e o carácter literário – não epigráfico – do escrito, eco, logo referido por Hübner, de duas inscrições da *Hispania Citerior*:

---

<sup>15</sup> Como pode ver-se na fig. 1, chama logo a atenção a abundância de letras inclusas e de módulos diversos, a quantidade de nexos e a raridade de alguns (NCT – fig. 2), que apenas virão a ser comuns em epígrafes da época renascentista; a grafia arcaica *aput* (por *apud*) é, como se observa noutras epígrafes resendianas, pretenso “selo” de antiguidade, também patente nas duas epígrafes aludidas com que esta se está a comparar; *amplissimum* jamais se abreviaria...

<sup>16</sup> Encarnação 1998: 44-47.

<sup>17</sup> CIL II 19\*.



- 1) No texto de Évora, a homenagem é devida “ob causas utilitatesque publicas aput ordinem amplissimum fideliter et constanter defensas legatione qua gratuita Romae pro re publica sua functus”; na inscrição de Barcelona<sup>18</sup>, honra-se o sêxviro *Caius Publicius Melissus* “ob causas utilitatesque publicas fideliter et constanter defensas”;
- 2) no monumento de Tarragona<sup>19</sup>, fonte de inspiração, segundo Hübner, para se haver forjado CIL II 415\*, é a própria *provincia Hispania Citerior* que rende preito a um cântabro, natural de *Iuliobriga*, também “ob causas utilitatesque publicas fideliter et constanter defensas” – e sobre a autenticidade deste não impendeu, até agora (como adiante se verá), qualquer suspeita.



FIG. 1 – Cópia da inscrição a Vocónio Paulo existente no Museu de Évora.  
Cliché de Guilherme Cardoso.

<sup>18</sup> CIL II 415\*.

<sup>19</sup> CIL II 4192.



Fig. 2 – Pormenor de um estranho nexos do monumento da Fig. 1.

Não deixa, no entanto, de ser sintomático – e este paralelo ainda não fora feito – que, noutra inscrição de Hispânia, supostamente achada «en el sacro monte» (Granada), uma inscrição claramente forjada – dado o seu teor encomiástico e literário – também surgir (e não há, que se saiba, mais nenhum exemplo semelhante) a expressão *qui patria fideliter et constanter defensa*<sup>20</sup>. Tanto o advérbio *fideliter* como *constanter* se documentam em epígrafes e nos textos clássicos; mas não foram ainda encontrados juntos em textos autênticos.

Poder-se-ia ficar por aqui, na medida em que o propósito era analisar a ocorrência da palavra *utilitas*; há, todavia, uma questão por resolver: aceitaremos como boa a expressão *utilitates publicae*, a juntar, por consequência, aos testemunhos já referidos?

Veja-se, pois, qual a argumentação aduzida para incriminar e/ou para reabilitar os dois textos, o de Barcelona e o de Évora.

Em CIL II 415\*, escreve Hübner: “Quanquam potest genuini aliquid subesse, tamen potius visa est ficta esse ex Tarraconensi n. 4192”. Os autores de IRC IV dão conta da opinião de Hübner e anotam que, “de facto, se poderia achar surpreendente o facto de a *ordo* celebrar os serviços prestados à coletividade por um indivíduo de origem servil e que outra função não tivera para além de ter sido sêxviro”<sup>21</sup>. Mantém, contudo, a opção pela autenticidade da epígrafe<sup>22</sup>. Primeiro, argumentam, porque não há motivo para duvidar de Cervera, autor do manuscrito em que transcreveu não um texto completo mas lacunar; ora, no caso de invenção, seria mais plausível que tivesse apresentado um texto inteiro; por consequência, a possibilidade de se estar perante a cópia de uma inscrição em mau estado de conservação não deixa de ser verosímil. Por outro lado (é o segundo argumento), este *Melissus* vem mencionado em mais duas inscrições

<sup>20</sup> CIL II 187\* = EDCS-33800143.

<sup>21</sup> Ibid.: 194.

<sup>22</sup> Já a haviam reabilitado em 1984 (p. 184), na comunicação referida infra, na bibliografia, e que vem citada em HEp 1995, n.º 130; mas o autor desta ficha, Joaquín Gómez-Pantoja, observa que a comparação com 4192 é o melhor argumento utilizado pelos autores; e anota – a meu ver, mui judiciosamente, sobretudo porque a esse aspeto se não tem dado importância – que “a la vez, la repetición de una fórmula tan inusual no deja de ser sospechosa”. Acrescente-se que, em comentário à referida comunicação de G. Fabre e M. Mayer, Jean-Noël Bonneville afirmou «não haver razão para suspeitar de uma fórmula especial» (refere-se a “ob causas utilitatesque publicas fideliter et constanter defensas”) e que deve admitir-se que CIL II 415\* «é uma inscrição autêntica mal transcrita» (ibid., p. 194).

(que terão sido, segundo Curchin,<sup>23</sup> as fontes de inspiração para 415\*): em IRC IV n.º 66, ele próprio homenageia o filho que assumiu a edilidade em *Barcino*, e atesta-se, em IRC IV n.º 11, o seu ex-voto à *Fides Publica*, o que é compreensível, segundo os autores, se tal ex-voto for posto em relação com o advérbio *fideli-ter*, patente em 415\*. Nada observam, porém, em relação ao carácter inusitado do texto; não parecem ter conhecimento da inscrição resendiana; e não tecem quaisquer considerações acerca de CIL II 4192.

Essa ausência de comentários em relação à inscrição de Tarragona merece reflexão, na medida em que – e até cingindo-nos ao uso da palavra *utilitas* – se trata de um formulário apenas patente, quanto nos é dado saber, nestas três inscrições, havendo a hipótese, que continuo a perfilhar, de ser a de Évora uma cópia das de Barcelona e *Tarraco*.

É longo o rol de referências bibliográficas incluído por Hübner em CIL II 4192, não havendo em nenhuma delas qualquer resquício de dúvida acerca do texto. Ao monumento foram, contudo, atribuídas proveniências diversas – Fig. 3 –, ainda que as alusões mais antigas o deem como existente aqui ou ali, inicialmente numa casa em Roma, até que se perdeu: “Videtur periisse”. Felizmente, foi recuperada: está, em Tarragona, no jardim do museu da necrópole paleocristã; foi publicada, com foto e sem quaisquer objeções, na nova edição do CIL<sup>24</sup>.

**4192 Romae Antiquissimus (inde Romae in domo Ioh. Bupt. Palini Maz.). In Hispania (inter Cordubenses Iuc.ed.III)Iuc. Inter Malacitanas Chol., Alc. Tarracone Antiquus. E regione Figueres Strada 142, in aedibus magni cuiusdam nominis idem 149. In platea de cavallos Pov. Ante domum di Mons. di Castelvi Acc. 'En una casa' Mor. Videtur periisse.**

Fig. 3 – Ficha de CIL II 4192, com indicação dos paradeiros da epígrafe.

Estrénuia defensora da autenticidade das polémicas inscrições de Évora é Alicia Canto<sup>25</sup>. No que respeita a CIL II 18\*, a sua argumentação baseia-se

<sup>23</sup> Curchin 1990: 240 n.º 27\*. Por só mais tarde se ter estudado melhor a epígrafe, Curchin dá a leitura antiga: *C. Pub[licius] Mellius – IIIvir*.

<sup>24</sup> CIL II<sup>2</sup>/14, 1191.

<sup>25</sup> 2004: 328-333.

fundamentalmente no facto de Breval, em relação a esta, como em relação às demais<sup>26</sup>, afirmar que a vira e a copiara.

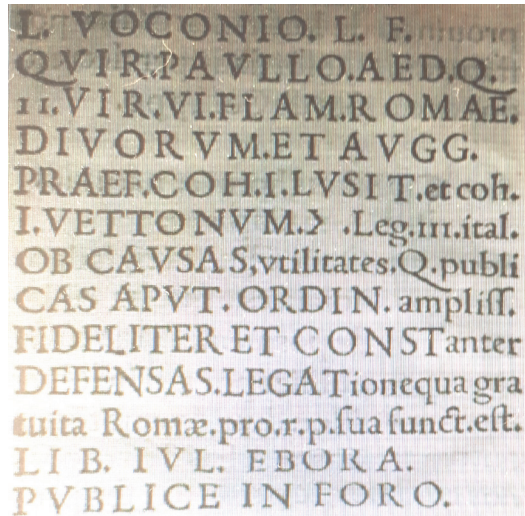


Fig. 4 – A ficha de Finestres relativa à epígrafe CIL II 4192.

**Clasís IV. 171**

**TARRACONE.** *Ex Apiano, & schedis Schotti, Gruterus pag. CCCLIV. num. 4. Pujades fol. 114. ex Morales, & Ycart.*

( 27. )

C. ANNIO. L. F  
QVIR. FLAVO  
IVLIOBRIGENS  
EX. GENTE. CANTA  
BRORVM. PROVINCIA. HISPA  
NIA. CITERIOR  
OB. CAVSAS. VTILITATESQVE  
PVBLICAS  
FIDELITER. ET. CON  
STANTER. DEFENSAS

---

Fig. 5 – A versão de J. Murphy da epígrafe de Vocónio.

<sup>26</sup> “[...] algunos mármoles que yo mismo he visto y transcrito en la plaza del Mercado y en otros puntos de la ciudad” (o sublinhado é de Canto 2004: 280).

Esta é uma questão por resolver: terá mesmo havido uma inscrição autêntica com aquelas lacunas todas, mui habilmente completadas por Resende e que Breval haveria de copiar? E o monumento que está no museu, claramente epigrafado a partir do texto completo de Resende, sem lacunas, foi encomenda do humanista ou iniciativa de algum eborense apaixonado, também ele, pelas antiguidades da sua cidade?

Todas as informações acerca desta epígrafe as coligiu Alicia Canto na nota 88, p. 329 e 331 do referido trabalho sobre Breval, reproduzindo, na p. 330, o desenho da autoria de Joseph Murphy<sup>27</sup> e o do *Codex Valentinus* (fig. 18); o de Murphy aproxima-se mais do que se lê em Resende (Fig. 6), embora não seja cópia fiel: traz PAVLILLO em vez de PAVLLO, por exemplo; o do *Codex* resulta, seguramente, de leitura do monumento ora no museu, de que é indício, por exemplo, a grafia da palavra ROMAEE, com o O em módulo menor e o nexa MAE.



FIG. 6 – A versão do texto de Vocónio dada por André de Resende.

Creio que ainda se não terá procedido a uma análise circunstanciada do texto, numa tentativa de ajuizar da possibilidade não só de alguém ser duúnviro seis vezes<sup>28</sup>, mas, de modo particular, do real significado, aqui, da menção *fla-*

<sup>27</sup> A sua fig. 17, que, com a devida vénia, aqui se reproduz (Fig. 5).

<sup>28</sup> Alicia Canto tem razão quando afirma não ser caso único de singular longevidade no exercício de um cargo. O salaciense *L. Cornelius Bocchus* foi *praefectus fabrum* cinco vezes (FE 271)!

*men Romae divorum et Augustorum*, curiosamente assaz frequente na epigrafia de *Tarraco*<sup>29</sup>; ou, ainda, de um prefeito de coorte vir a ser, depois, centurião de uma legião... E, claro, para se retomar o tema da ocorrência da palavra *utilitas*, sublinhar-se-á que poderá continuar a ter-se como excecional o uso da expressão *ob causas utilitatesque publicas fideliter et constanter defensas*.

Por outro lado, neste âmbito da cópia de inscrições autênticas ou forjadas, afigura-se-me ser defensável a opinião que perfilho:

- aquando do Renascimento, a preocupação era **validar**, mediante uma epígrafe a antiguidade de uma cidade; se não existia uma autêntica, o remédio era forjá-la;
- no século XVIII, o interesse maior (e há disso sobejos testemunhos)<sup>30</sup> era o de **'passar a limpo'** o escrito antigo.

Por conseguinte, em relação a esta epígrafe, poderá ter havido dois monumentos: um do tempo de André de Resende, esse que ele diz que tinha em casa; outro, do século XVIII, o que ora está no Museu de Évora e que foi copiado por Murphy, Bayer e outros, precisamente nesse século. De quem terá partido a iniciativa desta cópia mais recente, quiçá, um dia, vasculhando melhor arquivos e correspondência, a solução venha ao de cima!

## 5. CONCLUSÃO

Propus-me enquadrar o uso da palavra *utilitas*, nos escritos dos Romanos e nas inscrições que deixaram. Verificou-se que – tanto nos textos ditos 'literários' como nas epígrafes – a utilização foi envolvida nas suas diversas aceções: a metafórica, a concreta, a política, a económica, a... confidencial! A pontual 'revisitação' de passagens de textos clássicos e de epígrafes terá proporcionado uma, porventura singular, panorâmica das conotações referidas. Da minha parte, enriqueceu-me e vou começar a pensar mais detidamente no que detém ou não detém... utilidade!

Foi esta incursão motivada pela curiosidade em relação a uma epígrafe (CIL II 18\*), dada como achada em Évora e cuja autenticidade gerara uma polémica, ainda hoje, ao que se antoja, sem conclusão perentória. Estranhou-se, todavia,

---

<sup>29</sup> Dos 14 testemunhos presentes em EDCS (consultada a 24-10-2018), 11 são de *Tarraco*, 2 de *Barcino* e 1 das Baleares. Recorde-se que se tem como certo que Resende conheceu bem a epigrafia destas duas cidades, onde, todavia, o habitual é a função de *flamen Romae divorum et Augustorum* o ser *provinciae Hispaniae citerioris*.


<sup>30</sup> Continua a ser paradigmática, a este propósito, a inscrição da fachada da igreja da Bobadela (Oliveira do Hospital), onde expressamente se declara «Este letreiro se achou na igreja velha. 1746» (CIL II 397; Anacleto 1981: 15-24).



texto tão incomum em que a expressão *utilitates publicae* não haja despertado a atenção dos epigrafistas – e, por isso, ora também o trouxe à colação, na esperança de que outras reflexões venham projetar nova luz ao que ora se me afigura pouco explícito.

## BIBLIOGRAFIA

- AE = *L'Année Epigraphique*, Paris, Presses Universitaires de France [Indica-se o ano e o n.º da inscrição].
- Anacleto, Regina (1981), *Bobadela Epigráfica*, Coimbra, EPARTUR.
- Canto, Alicia (2004), “Los viajes del caballero inglés John Breval a España y Portugal: novedades arqueológicas y epigráficas de 1726”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7.2: 265-364.
- CIL II = Hübner, Emil (1869 e 1892), *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*, Berlim, Academia das Ciências.
- CIL II<sup>2</sup>/14 = Alföldy, Géza (2011), *Inscriptiones Hispaniae Latinae, pars XIV, fasciculus 2 (Colonia Iulia Vrbs Triumphalis Tarraco)*, Berlim, Academia das Ciências.
- Curchin, Leonard (1990), *The Local Magistrates of Roman Spain*, Toronto, University of Toronto Press.
- EDCS = Epigraphik-Datenbank Clauss-Slaby: <http://www.manfredclauss.de/gb/>.
- Encarnação, José d' (1998), *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, Minerva.
- Fabre, Georges e Mayer, Marc (1984), “«Falsae et alienae»: quelques aspects de l'application des critères d'E. Hübner à l'épigraphie romaine de Catalogne ”, in *Épigraphie Hispanique – Problèmes de Méthode et d'Édition* (Actas da mesa-redonda internacional realizada em Bordéus, Dezembro de 1981), Paris, De Boccard, 181-196.
- Finestres I Monsalvo, Josep, (1762), *Sylloge Inscriptionum Romanarum in Catalaunis, Cervariae*.
- Gruterus, Ian (1603), *Inscriptiones antiquae totius orbis Romani in absolutissimum corpus redactae*, Heidelberg.
- HEpOL = *Hispania Epigraphica On Line*: <http://eda-bea.es/> [base de dados epigráfica da Hispânia romana].
- IRC IV = Fabre, Georges; Mayer, Marc et Rodà, Isabel (1997), *Inscriptions Romaines de Catalogne, IV, Barcino*, Paris, De Boccard.
- Resende, André de (1783, 3ª ed.), *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, Lisboa.



OBRA PUBLICADA  
COM A COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA

CECH

CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

I  
U  
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS